

BREVE RELATO DO CONCEITO DE *ALEGRIA* EM GEORGES SNYDERS E BENEDICTUS DE SPINOZA

Em seu livro, *A Alegria na Escola*, Georges Snyders afirma a escola como o lugar da alegria. Sua proposta pretende fundamentar-se em três temas: uma ambição de renovar a escola; o papel essencial da escola no preparo dos jovens para o futuro, para a vida adulta, e em particular para uma profissão e o tempo que o jovem passa na escola: quase toda a sua juventude. O problema que se põe então para Snyders, é o de unir estes dois temas: “*para dar alegria aos alunos, coloco minha esperança na renovação dos conteúdos culturais*” (1988, p. 13). Por último, mas não menos importante, o tema da exigência de satisfação na escola; pois, segundo Snyders, “lógica e normalmente”, sendo até mesmo “sua definição etimológica, a escola deveria ser lugar de satisfação, de satisfação cultural”. Agora, o problema “é a falta de satisfação, a não-satisfação na escola” (1988, p. 15), pois a proposta de Snyders é de

[...] encontrar a alegria na escola no que ela oferece de particular, de insubstituível e um tipo de alegria que a escola é a única ou pelo menos a mais bem situada para propor: que seria uma escola que tivesse realmente a audácia de apostar tudo na satisfação da cultura elaborada, das exigências culturais mais elevadas, de uma extrema ambição cultural? (1988, p. 13)

Esta satisfação buscada em nada assemelha-se ao comum e cotidiano contentamento juvenil (como por exemplo, estar no “shopping”, estar com a “turma”), pois “trata-se de conhecer alegrias diferentes que as da vida diária”; trata-se de “coisas que sacodem, interpelam, a partir do que os alunos mudarão algo em sua vida, darão um novo sentido a ela, darão um sentido a sua vida”. Na realidade, a satisfação que a escola proposta por Snyders busca, “é uma satisfação capaz de transformar os alunos”, não vinculada à iluminação e nem à inspiração, mas nem por isto deixando de “ir em direção a uma grande obra, uma excelência”; ou, “um lugar onde teremos a ousadia de visar à grandeza, apostar na grandeza”. Para tanto, a “primeira condição seja talvez a de abandonar os compromissos, as meias-medidas, a ‘inércia’, e que se chegue até as grandes verdades, às convicções fortes; não obrazinhas”. E, a primeira reforma na formação dos professores deveria ser a exigência deles atingirem “um entusiasmo cultural, a confiança de que a cultura que eles ensinam pode dar satisfação a seus alunos”, pois, “num certo sentido, ela está destinada a dar satisfação; ensina-se para dar satisfação” (1988, p. 14).

Entretanto, o que Snyders “ousaria chamar, às vezes, de ‘minha’ escola, como lugar de satisfação”, partindo “para a conquista da satisfação”, não a futura, àquela que os alunos

compreenderão quando forem grandes, mas sim a satisfação imediata, “na sua vida de jovens” (1988, p. 14); ou seja, enquanto são jovens e estão na escola e não quando forem adultos e estiverem saído da escola, ainda não é real, ainda está por se construir.

Snyders não ignora que tudo possa parecer ao mesmo tempo, “utópico e terrivelmente elitista”, e que “é fácil replicar-se” que ele dirige-se ao “aluno ideal, hiper-favorecido em todos os pontos de vista” (1988, p. 14). Entretanto, ele crê ser exatamente o contrário:

[...] a cultura que estimo e que me dá satisfação inscreve-se em continuidade com o que já existe de grandioso, de apelo à grandeza da vida e aos desejos dos homens – por isto e talvez principalmente aqueles cuja vida é a mais rude – em continuidade com suas lutas, e contra a miséria e contra aqueles que os rebaixam. (1988, p. 14-15)

Ou seja, para Snyders trata-se de romper a inércia, introduzir uma ruptura, “que consiste, talvez, simplesmente em chamá-los do que eles são, até o que eles podem ser” (1988, p. 15). Não é de se espantar que, logo a seguir no texto, Snyders refira-se à revolução estudantil de maio de 1968, afirmando: [...] “o que introduziu de mais real, foi provavelmente a exigência de satisfação em todos os domínios da vida – e, portanto, também na escola.” (1988, p. 15)

Esta ruptura consiste numa verdadeira reestruturação da escola, sob novos paradigmas, dentre os quais, a alegria tem papel preponderante. Ou no dizer de Snyders:

Trata-se então, na verdade, de desorganizar a escola, a partir de novos conteúdos. Por que existe um tal abismo entre o que a escola poderia ser, o que os alunos poderiam viver – e o que eles vivem na realidade? Por que o cultural não lhes dá satisfação? Por que o cultural escolar lhes dá tão pouca satisfação? (1988, p. 15)

E, para tentar responder a estas questões, Snyders sonda inicialmente a cultura escolar, “elaborada na sua relação com a cultura imediata, primeira e antes de tudo a cultura, a cultura dos jovens.” (1988, p. 15) A seguir, vai abordar a alegria nesta cultura elaborada, e a escola, também sob o perfil da alegria.

Para bem evoluir em seu projeto, Snyders define a Pedagogia como “o que se esforça para conduzir os alunos, todos os alunos, para a satisfação cultural escolar, para transformar a escola a fim de que ela coloque a satisfação cultural escolar no primeiro plano de suas preocupações.” (1988, p. 15)

Desta breve exposição do projeto de Snyders em seu livro *A Alegria na Escola*, inferimos que o sentido dado por este ao termo *alegria*, ultrapassa em muito o seu sentido usual, comum, empregado por nós habitualmente, que é o sentido dado pelos dicionários.

Na verdade, estes significados podem ser ditos exteriores, qualidades, acréscimos não constitutivos da “coisa” que está ou é alegre. No dicionário *Aurélio*, o termo *alegria*, significa a qualidade ou estado de alegre, contentamento, satisfação, júbilo, prazer moral, felicidade, divertimento, festa. De fato, este significado diz respeito somente às propriedades ou ao estado de um sujeito, ou à qualidade de um objeto, de provocar ou estimular em um sujeito, um estado ou um sentimento, que podemos designar genericamente como de bem estar. Neste sentido, a *alegria* não é constitutiva do sujeito; ela é necessariamente posterior ao sujeito constituído; ou seja, o sujeito, após sua constituição, têm alegrias ou não. Para Snyders, ao contrário, a *alegria*, não só é constitutiva do sujeito formado, do adulto, como também é constitutiva do sujeito em formação, do jovem, presente neste enquanto jovem e tendo importância fundamental na formação deste; ou seja, a *alegria* também é constitutiva do jovem.

Não é por acaso que Snyders vai iniciar o seu livro citando a definição de *alegria* de Benedictus de Spinoza, encontrada em sua obra intitulada *Ética*, livro III, proposição 11, escólio, que define *alegria* como “a passagem de uma perfeição menor a uma perfeição maior” (1988, p. 19). Também nesta proposição, Spinoza cita a *alegria*, juntamente com a *tristeza* e o *desejo*, como os três afetos primários, dos quais todos os outros se originam (IIIp11s)¹.

A *alegria*, na concepção spinozista, é afirmada não só como constituinte do sujeito, mas também como fator determinante da evolução deste. A *alegria*, ou melhor o seu aumento ou a sua diminuição, é que vai determinar o seu grau de perfeição, a partir da influência desta sob o *conatus*², aumentando ou diminuindo minha potência de agir; ou seja, se tenho uma *alegria*, aumenta a minha potência de agir e o meu *conatus* se fortalece; se tenho uma *tristeza*, diminuo minha potência de agir e o meu *conatus* se enfraquece. Ao ter uma *alegria*, o sujeito torna-se algo mais, pode mais, do que um outro que não teve uma *alegria*. Este, torna-se e pode menos do que aquele; e isto ocorre justamente por causa da *alegria*, pois a *alegria* enquanto presente no primeiro, alterou-o substancialmente. Neste caso, a *alegria* não é uma mera qualidade exterior cuja ausência possa ser ignorada. A *alegria* torna-se constitutiva do ser, do sujeito, fazendo com que este seja mais e possa mais, quando presente, ou seja menos e possa menos, quando ausente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DELBOS, Victor. *Le Spinozisme*. 5. ed. Paris: J. Vrin, 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MOREAU, Joseph. *Espinoza e o Espinosismo*. Tradução por Lurdes Jacob e Jorge Ramalho. Lisboa: Edições 70, 1982.

SNYDERS, Georges. *A Alegria na Escola*. Tradução de Bertha Halpern Guzovitz e Maria Cristina Caponero. São Paulo: Manole, 1988.

_____. *Alunos Felizes*. 2. Ed. Tradução de Cátia Ainda Pereira da Silva. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SPINOZA, Benedictus de. *Espinoza*. Seleção de textos de Marilena Chauí; traduções por Marilena Chauí *et al.* 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).

RESUMO

Georges Snyders e a escola como o lugar da *alegria*. A *alegria* como constituinte do jovem na escola. Busca da satisfação, da *alegria* em estar na escola. Esta satisfação é diferente da satisfação cotidiana. A *alegria* na escola é uma ruptura. Esta ruptura consiste numa verdadeira reestruturação da escola, sob novos paradigmas. A *alegria*, na concepção spinozista, é afirmada não só como constituinte do sujeito, mas também como fator determinante da evolução deste.

PALAVRAS-CHAVE: Snyders. Alegria. Spinoza. *Conatus*.

¹ **Nota Explicativa:** Para as citações da *Ética* utilizamos a tradução portuguesa da Coleção *Os Pensadores* (vide Referências Bibliográficas). Nas citações da *Ética* de Spinoza utilizamos algarismos romanos para indicar as partes e algarismos arábicos para indicar as definições (d), axiomas (a), apêndice (A), postulados (pp), lemas (l), proposições (p), corolários (c) e escólios (s), antecédidos da letra correspondente. Visando diferenciar a citação referente ao corpo da proposição e à citação referente à demonstração da proposição, utilizaremos a letra d após o algarismo arábico da proposição citada. Como por exemplo, IIp11 e IIp11d; a primeira citação refere-se ao corpo da proposição 11 da parte II e a segunda à demonstração da proposição 11 da parte II da *Ética*.

² Este termo tem um significado especial em Spinoza: *Conatus* é o esforço pelo qual cada coisa tende a perseverar no seu ser. Este esforço (*conatus*), nada mais é do que a essência atual; ou seja, é o esforço para continuar existindo, é a essência mesma da coisa. (IIIp6d, IIIp7d)